

Negacionismo Científico: análise da repercussão no Twitter acerca da vacina do COVID-19

Scientific Negationism: analysis of the repercussion on Twitter about the COVID-19 vaccine

Carla Montuori Fernandes

Universidade Paulista, Brasil
carla_montuori@ig.com.br

Luiz Ademir de Oliveira

Universidade Federal de São João del-Rei, Brasil
luizoli@ufsj.edu.br

Vinícius Borges Gomes

Universidade Paulista, Brasil
vini-bg@hotmail.com

Fernando de Resende Chaves

Universidade Paulista, Brasil
chavesfernandorc@gmail.com

Resumo

Em 31 de agosto de 2020, o presidente da República do Brasil, Jair Bolsonaro (sem partido), declarou à imprensa que o governo não poderia obrigar os cidadãos a tomarem eventual vacina de imunização ao COVID-19. A fala gerou grande repercussão na imprensa e nas redes. O artigo busca analisar, por meio de Análise de Conteúdo (Bardin, 2011), como foi a reverberação dessa fala no *Twitter* e de que modo ela se atrelou a aspectos de negacionismo científico. A coleta do corpus se deu por meio de softwares que elencaram os *posts* de maior impacto na rede nos dias subsequentes à declaração.

Abstract

On August 31, 2020, the President of the Republic of Brazil, Jair Bolsonaro (without a party), declared to the press that the government could not compel citizens to take any immunization vaccine against COVID-19. The speech generated great repercussion in the press and on the networks. The article seeks to analyze, through Content Analysis (Bardin, 2011), how the speech reverberated on Twitter and how it was linked to aspects of scientific negationism. The corpus was collected using software that listed the posts with the greatest impact on the network in the days following the declaration. It

Discute-se, portanto, a fragilidade do campo social da ciência e o modo como a comunicação política está inserida num debate maximizado por uma sociedade midiaticizada, onde informações e conteúdos passam por novos circuitos de sociabilidade.

discusses, therefore, the fragility of the social field of science and the way in which political communication is inserted in a debate maximized by a mediatized society, where information and content pass through new circuits of sociability.

Palavras-chave: COVID-19. Vacinação. Negacionismo Científico. Redes Sociais. Twitter.

Keywords: COVID-19. Vaccination. Scientific Negationism. Social Networks. Twitter.

1. Introdução

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia do SARS-CoV-2, que ficou conhecido como novo coronavírus ou COVID-19. O vírus foi identificado em Wuhan, na China, e se espalhou pelo mundo atingindo todos os continentes. O Brasil tem sido uma das nações que mais sofrem com a doença, seja em números absolutos de casos seja nas mortes a cada 100 mil habitantes¹.

Logo no início da crise sanitária, o Presidente da República, Jair Bolsonaro (sem partido), minimizou os efeitos da pandemia e erigiu um discurso negacionista, em que defendeu um distanciamento social mais relaxado e elegeu possíveis métodos curativos como forma de dar conotação positiva à sua narrativa. Em 24 de março de 2020, no pronunciamento feito em cadeia de rádio e televisão, Bolsonaro usou expressões como “resfriadinho” e “gripezinha”, falou sobre a possível eficácia da cloroquina e insinuou que a gravidade da pandemia na Itália tinha a ver com a diferença climática daquele país para com o Brasil².

A postura do governo brasileiro encontrou ressonância em grande parte da população. Apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (sem partido) organizaram manifestações em várias cidades do país. As aglomerações contrariavam as recomendações de distanciamento social. O próprio presidente foi visto constantemente sem o uso da máscara, que também era uma recomendação dos cientistas, médicos e autoridades sanitárias. Os encontros tiveram forte repercussão nas redes sociais do mandatário, sendo incentivados por ele sem qualquer tipo de reprimenda ou orientação.

O contorno institucional da crise abalou a própria estrutura do governo. O então ministro da saúde, Henrique Mandetta (DEM), acabou sendo demitido do governo federal após constantes atritos junto à presidência, no dia 16 de abril de 2020. O substituto, Nelson Teich, ficou menos de um mês no cargo até 15 de maio. Ambos são médicos. A substituição levou um militar ao cargo, General Eduardo Pazuello, que primeiro assumiu interinamente, ficando quatro meses nesta situação, sendo oficializado somente no dia 16 de setembro.

Concomitante à crise interna ao governo, Jair Bolsonaro passou a atuar de modo crítico a alguns governadores e prefeitos, expressando sua insatisfação com as medidas de distanciamento social e

¹ Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-54390838>>. Acesso em: 04 de out. de 2020.

² Disponível em: < <https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/pronunciamentos/pronunciamentos-do-presidente-da-republica/pronunciamento-em-cadeia-de-radio-e-televisao-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro>>. Acesso em: 04 de out. de 2020.

trazendo as ações da crise para o debate político. Caso notório foi o conflito com o governador de São Paulo, João Doria (PSDB), a quem Bolsonaro acusou de usar a pandemia como palanque para se projetar como candidato presidencial em uma reunião com governadores do sudeste para falar da pandemia³.

Esses fatos constituem um cenário de crise política, mas também de disputa de narrativas em um contexto marcadamente diverso na circularidade de conteúdos, informações e opiniões que compõem uma ambiência chamada de mídiatização (HJARVARD, 2014). Os fluxos informativos e a cultura midiática assumem centralidade nos modos de percepção, leitura e construção social da realidade.

O artigo propõe discutir como, em uma sociedade mídiatizada, o campo científico é contraposto de modo oficial por agentes do campo político e de que modo essas opiniões reverberam no espaço das redes. Para isso, discutiremos o conceito de campos sociais, ideias sobre pós-verdade e tópicos sobre a contraposição da ciência. O debate se dá a partir de uma declaração feita por Jair Bolsonaro (sem partido), no dia 31 de agosto de 2020, quando o mesmo afirmou que os cidadãos brasileiros não devem ser obrigados a tomar vacina⁴. Realiza-se análise de conteúdo das postagens sobre o tema mais *retweetadas* no *Twitter* na semana que sucede ao pronunciamento do presidente da república, mensurando e caracterizando a partidarização ou o uso político dos discursos sobre saúde.

2. O Campo da Ciência em xeque: aspectos do negacionismo científico

Os campos sociais, segundo Bourdieu (1989), são constituídos por regras e hierarquias próprias, sendo espaços de disputa de poder entre os membros do respectivo campo a partir da detenção de capital simbólico. Cada campo possui sua forma singular de se colocar e obter visibilidade na sociedade, tendo conflitos e tensões com outros campos sociais e sendo refratário às interferências externas que possam desestabilizar o funcionamento do mesmo.

A ciência, enquanto campo social projeta-se em seu lugar de poder na sociedade, reclamando a si a propensão das verdades científicas e sendo contestada pelo próprio funcionamento interno do campo, ou seja, substituindo verdades aceitas por refutações novas, mas sempre dentro dos ritos do próprio campo e tendo o protagonismo de agentes inerentes a eles. Hannah Arendt (1972), em *Verdade e Política*, fala da ciência como verdade racional. Na perspectiva da filósofa, o falseamento advindo da política tem como alvo privilegiado o campo científico e filosófico no que tange ao que ela nomeia de verdade da razão.

Considerando também a descredibilização do campo científico, Albuquerque e Quinan (2019) sustentam que há uma crise epistemológica que resulta em uma relação problemática dos indivíduos com as instituições modernas. Os autores argumentam que essa conjuntura favorece o crescimento da pseudociência e do extremismo religioso, sobretudo com a possibilidade de um uso potencializado das redes e novas estratégias de comunicação.

³ Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2020/03/25/doria-e-bolsonaro-discutem-em-reuniao-de-governadores.ghtml>>. Acesso em: 04 de out. de 2020.

⁴ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2020/08/31/ninguem-pode-obrigar-ninguem-a-tomar-vacina-diz-bolsonaro.html>. Acesso em: 04 de out. de 2020.

Pierre Lévy (2009) sustenta que, conjuntamente às transformações culturais a partir das novas formas de sociabilidades empreendidas pela cibercultura, há uma descentralização de discursos e do conhecimento. Há um sentido coletivo de produção que favorece a circulação de um número cada vez maior de conteúdos que interfere na qualidade das informações.

Outro conceito que tem sido amplamente discutido para a abordagem de fenômenos contemporâneos é o de pós-verdade. Para McIntyre (2018), ela caracteriza-se por uma prevalência das emoções em detrimento de fatos concretos. O autor elenca algumas características que contribuíram para essa ambiência. Destacamos aqui a sua abordagem a respeito dos autores que versam sobre a pós-modernidade. Para ele, a relativização da ideia de verdade por parte de filósofos pós-modernistas foi central para uma onda de desconfiança em algumas instituições, como a própria ciência.

O negacionismo científico, portanto, é apontado por McIntyre (2018) como tendo raiz no papel das indústrias, que, ao recrutarem cientistas para atenderem a seus interesses, passaram a difundir narrativas em contraposição a discursos que afetam seus negócios. Se não contestam totalmente um resultado científico, ao menos difundem a ideia de que há mais de um lado com igual peso sobre um tema, relativizando o que se pode entender como verdades científicas.

Há, contudo, contestação à noção de pós-verdade, como em Harari (2018), que entende o que se entende pelo conceito como uma questão central na vida da humanidade. Sendo assim, os mitos estão presentes na obsessão da humanidade para explicar sua existência, histórias e coadunar com suas expectativas. A propaganda nazista de Hitler é um dos exemplos apresentados pelo autor, sobretudo no uso emotivo que empreendeu de modo a potencializar sentimentos já existentes na sociedade alemã, mas que encontraram no uso dos meios de comunicação uma explicação plausível e com forte penetração.

Se a contraposição à ciência não é algo inédito (ARENDETT, 1978) e a pós-verdade não é, necessariamente, uma realidade contemporânea (HARARI, 2018), é preciso entender algumas das características que explicam expressões de negação à ciência, sobretudo no que tange às questões comunicacionais envolvidas. Por isso, valemo-nos de alguns aspectos centrais na circularidade de informações, como é o caso do conceito de midiaticização.

Entende-se por midiaticização um processo fluido, transversal e que perpassa todos os campos sociais. Por isso, não é uma mera influência dos media em outros campos, mas um processo em que a lógica midiática passa a estar presente em todos os campos, impactando em suas trocas simbólicas, representações e modo de relações (BRAGA, 2012; HJARVARD, 2014).

Na perspectiva de Baudrillard (1994), os símbolos e sinais da cultura midiática – imagens, sons e anúncios – atuam como produtores de simulacros ou cópias da realidade. Dessa maneira, a realidade simbólica substitui a percepção da realidade de modo efetivo na forma do mundo simbólico produzido pelos meios de comunicação.

A midiaticização, enquanto processo, abarca constantes transformações tecnológicas que integram novas experiências sociais. Da Empoli (2020) compreende as transformações tecnológicas com foco no uso sistemático de especialista em coletas de dados para a promoção de ideários políticos, personalidades de extrema direita e condução de processos nacionalistas em alguns países do globo. Nesse sentido, uma das bases para o empreendimento político é a potencialização de conteúdos

radicais. Segundo o autor italiano, um dos efeitos das redes é a exacerbação do sentimento de cólera. Os algoritmos, criados para engajar usuários nas redes, acabam por favorecer os conteúdos extremos e atrair atenção para percepções que não teriam espaço de modo mais aberto na mídia tradicional.

Como resultado, conteúdos conspiratórios, negacionistas e alternativos passam a ter, cada vez, mais audiência. Somado a isso, há o uso da extrema direita de narrativas antissistema e ataques às instituições como forma de empreender uma nova narrativa de poder. Da Empoli (2020) argumenta que a ascensão dos discursos nacionalistas se dá de modo coordenado. Eles atrelam-se aos grupos que questionam a ciência e moldam narrativas próprias de hostilidade aos poderes de campos sociais constituídos, como a história e a imprensa.

Para Aupers (2012), a paranoia ocidental vem mudando desde os anos 50. Para o autor, o inimigo comum daquele período, personalizado na figura dos judeus, comunistas e islâmicos, passa a ser entendido como as próprias instituições da modernidade. Estas, alvos de suspeitas, teorias da conspiração e ataques rotineiros. Exemplos dessa coordenação podem ser encontrados em similaridades nas narrativas de líderes mundiais ao abordarem, não só a pandemia do coronavírus, mas outros eventos sociais. Da Empoli (2020) aponta como Seteve Bannon tornou-se o principal estrategista da campanha vitoriosa de Donald Trump à presidência dos EUA, em 2016. O mesmo Bannon posou para foto com o filho do presidente brasileiro Jair Bolsonaro, Eduardo, às vésperas da campanha eleitoral de 2018. Na Europa, fundou o “Movimento”, que é uma organização de extrema-direita com interesses internacionais de consolidação de partidos nacionalistas.

Não é por acaso, portanto, que estratégias políticas de líderes associados a esse tema sejam parecidas. Assim como Bolsonaro, no Brasil, Donald Trump minimizou o COVID-19, associando-o a mera gripe e sendo pouco afeito ao uso de máscaras em público⁵. Outro ponto em comum aos líderes tem sido a postura crítica à China, que é tratada de modo pejorativo e suspeito.

3. A questão da vacina: raízes da campanha antivacinação e seus ecos nos dias atuais

A primeira campanha de vacinação no Brasil foi realizada em 1804, para conter um surto de varíola. Cem anos mais tarde, em 1904, despontou o primeiro questionamento contra a prevenção da doença, no movimento identificado como Revolta da Vacina (1904). Iniciado no Rio de Janeiro, na época capital do país, o movimento era uma resposta a política de imunização instaurada de maneira compulsória pelo Diretor Geral da Saúde Pública, Oswaldo Cruz.

O historiador Sevcenko (1993) indica que a Revolta da Vacina teve como conjuntura o contexto mundial da Segunda Revolução Industrial, ocasião em que o Brasil passava por algumas mudanças decorrentes dessas transformações. Segundo o autor (1993), a cidade do Rio de Janeiro, que ainda mantinha alguns aspectos coloniais, entre os quais a propagação e surtos de doenças, passou por uma política de remodelação urbana com o objetivo de atrair investimentos e turistas internacionais. A campanha para acelerar o processo de modernização e erradicar a febre amarela no país foi conduzida por Oswaldo Cruz. Conhecida como “ditadura sanitária”, a campanha causou revolta entre os

⁵ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/09/09/nao-queria-causar-panico-diz-trump-apos-revelacao-de-que-minimizou-pandemia>>. Acesso em: 04 de out. de 2020.

moradores da capital, porque se resguardava em leis de exceção e permitia que autoridades invadissem, vistoriassem, fiscalizassem e demolissem casas e construções.

Atingidos pelo impacto da campanha contra a febre amarela, a obrigatoriedade da vacina antivariólica tornou-se o estopim para a forte agitação popular que se estabeleceu no país. Há que se considerar que o movimento foi apoiado por políticos de oposição e pela própria imprensa, que, além de conceder espaço nos jornais para figuras públicas contrárias à lei da vacina, colocava em dúvida a segurança da imunização, chamando-a de injeção de veneno. Para Sevckenko (1993), a Revolta da Vacina pode ser lida como o resultado da memória traumática da campanha da febre amarela, aliada à obrigatoriedade e à falta de informação pública que envolveu a vacinação contra a varíola.

As discussões mais recentes em torno do movimento antivacinação se pautam na pesquisa britânica do médico Andrew Wakefield, publicada na revista *The Lancet* em 1998, em que a síndrome de espectro autista foi relacionada à vacina tríplice viral. A pesquisa constatou que, das 12 crianças imunizadas com a vacina, quatro se tornaram autistas. Anos mais tarde o artigo foi anulado, pois não estabelecia uma relação causal (em 2010 a licença médica de Wakefield foi cassada e, a partir disso, a *Lancet* anulou o artigo; porém o *paper* ainda pode ser lido *online*, com a exibição em vermelho, por todo o texto, da palavra *retracted*).

Mesmo depois de descartada pela comunidade científica, o movimento alcançou enorme repercussão e se transformou em um problema de saúde pública mundial, mesmo diante da ampla divulgação dos métodos questionáveis no desenvolvimento da pesquisa. Atualmente, o movimento antivacinação (ou *anti-vaxx*) é representado por um grupo de indivíduos que se recusa a aderir a qualquer forma de imunização, devido à crença de que existe um complô arquitetado pela indústria farmacêutica com a anuência do Estado, cujo objetivo é ocultar supostos efeitos colaterais das vacinas sobre a população, como o aumento nos índices de crianças com autismo.

Fernandes e Montuori (2020) destacam que os argumentos e as crenças dos grupos antivacinas não sofreram grandes alterações nos dois últimos séculos, sendo principalmente religiosas e filosóficas como também pautadas na ideia que tratamentos alternativos de saúde, como a homeopatia, a medicina antroposófica e uma alimentação saudável, são suficientes para manter a saúde das crianças. Por fim, deve-se considerar que o temor dos efeitos colaterais adversos, embrião que ainda mobiliza os movimentos antivacinação conta com um novo aliado: a capacidade de multiplicação e disseminação da informação que ganhou velocidade e eficácia nas últimas décadas, respaldadas pelo potencial das redes sociais.

Recentemente, algumas campanhas acabaram impactando a adesão às vacinas, como no caso do zika vírus.

No Brasil, várias investigações provaram o papel exercido pelo YouTube na difusão do vírus Zika. A partir de 2015, enquanto as autoridades médicas se esforçavam para distribuir vacinas e os larvicidas que matam os mosquitos transmissores do vírus, os primeiros vídeos conspiracionistas fizeram sua aparição na rede. Alguns desses vídeos revelavam a suposta existência de um complô das ONGs para exterminar as populações mais pobres, enquanto outros atribuíam a essas mesmas vacinas e larvicidas a propagação do vírus. A popularidade desses filmes criou um clima de desconfiança que levou muitos pais e mães a recusar os procedimentos médicos imprescindíveis para a sobrevivência de seus filhos (DA EMPOLI 2020, p. 80).

Atualmente, o debate acerca da possível vacinação para a COVID-19 encontra uma polêmica à medida que as pesquisas avançam. O governo de São Paulo, liderado pelo desafeto de Jair Bolsonaro (sem partido), João Doria (PSDB), anunciou parceria com o laboratório chinês Sinovac, que está pesquisando uma vacina batizada de *Coronovac* em parceria com o Instituto Butantã, no Brasil. Grande parte das teses contrárias à vacinação encontra eco nas críticas à China e na desconfiança com relação ao país para com a possibilidade de produzir um imunizante seguro. O Governo Federal tem trabalhado na expectativa de outro imunizante: a vacina pesquisada pela Universidade de Oxford e pelo laboratório *AstraZeneca*.

No dia 31 de agosto, o presidente emitiu declaração que contraria uma lei sancionada por ele próprio em fevereiro e que prevê que autoridades podem determinar ‘para enfrentamento da Covid-19, a realização compulsória de vacinação e outras medidas profiláticas’. Bolsonaro afirmou para uma apoiadora, no Palácio do Planalto, que “Ninguém pode obrigar ninguém a tomar vacina”. A frase foi reforçada em publicação nas redes sociais da Secretaria de Comunicação da Presidência da República (Secom) no dia primeiro de setembro e recebeu crítica da imprensa e de especialistas, impulsionando uma intensa discussão sobre a obrigatoriedade da vacina contra a Covid-19 nas mídias sociais

O presente artigo procedeu a uma coleta e análise de conteúdo das postagens sobre o tema mais *retweetadas* no Twitter na semana que sucedeu à declaração do presidente da república, buscando entender como se deu a repercussão da fala presidencial no Twitter e quais tipos de discurso se organizaram para debater o pronunciamento do presidente.

4. Metodologia

Realizou-se uma coleta das postagens mais *retweetadas* no Twitter entre os dias 01 e 07 de setembro contendo os termos “vacina”, “vacinação” ou “imunização”. O período de coleta são os sete dias que sucederam à declaração do presidente Jair Bolsonaro em oposição à vacinação obrigatória contra a Covid-19. A fala presidencial foi emitida no dia 31 de agosto e reverberada em peça publicitária da SECOM no dia 01 de setembro. Utilizou-se, como recurso de coleta, a ferramenta TAGS, um modelo gratuito de planilha do *Google* que permite configurar e executar uma coleta automática de resultados de pesquisa do *Twitter*. A coleta buscou pelos termos “vacina”, “vacinação” ou “imunização”, capturando os *Tweets* (postagens) mais *retweetados* em cada dia observado. Desse grupo, foram selecionados para a análise aqueles *tweets* que estiveram entre os 08 mais *retweetados* a cada dia de coleta, excluindo *tweets* que possuíam menos de 12 repostagens em até 48 horas após sua publicação. Desse recorte resultou um corpus de 57 *Tweets* coletados para análise.

Os *tweets* selecionados foram analisados qualitativamente quanto à sua temática, linguagem e seus efeitos de sentido, gerando cinco categorias, conforme apresenta a tabela 1.

Tabela 1 – Categorias analisadas, seu alcance e nível de partidarização

	Categoria 1	Categoria 2	Categoria 3	Categoria 4
Nome concedido as categorias	Espera pela Vacina	A Revolta da Vacina	Crítica ao Presidente	Defesa ao Presidente
Descrição da Categoria	<i>Tweets</i> que acionam o termo “Vacina” de modo positivo, como algo muito esperado e como solução para a Covid-19.	<i>Tweets</i> que acionam a expressão “revolta da vacina” de modo a ironizar a resistência à vacinação por parcela da população.	<i>Tweets</i> que criticam diretamente a declaração do presidente da República sobre a não obrigatoriedade da vacinação contra a covid-19.	<i>Tweets</i> que defendem diretamente a declaração do presidente da República ou a ideia de que a vacinação contra a covid-19 não deve ser obrigatória.
Nível de partidarização no discurso dentro da categoria	Baixo	Alto	Alto	Alto
Número de <i>Tweets</i> enquadrados na categoria	12	11	07	16
Número de compartilhamentos (<i>Retweets</i>) dentro da categoria em 2 dias após a postagem.	2147	2172	773	1151

Na definição das categorias, aplicam-se as ferramentas de análise de conteúdo propostas por Laurence Bardin (2011). Para a autora, esta metodologia tem como objetivo “tomar em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido” (BARDIN, 2011, p. 36-37). Privilegia-se a análise categorial, tendo em vista que o seu emprego admite a organização semântica de elementos próximos, seja por aspectos gramaticais ou de sentido (BARDIN, 2011, p.117). Para isso, utiliza-se o princípio da inferência⁶ como ferramenta básica para a análise dos dados e conhecimento dos sentidos propostos pelo texto. Assim sendo, a articulação deste aparato metodológico com a textualidade aferida das postagens analisadas deu origem a quatro categorias de postagens: “Espera pela Vacina”; “A Revolta da Vacina”; “Crítica ao Presidente” e “Defesa do Presidente”. Essas categorias também foram classificadas de acordo o que chamamos de “nível de partidarização” do seu conteúdo. Uma categoria foi considerada mais ou menos partidarizada de acordo com a intensidade e frequência com que o seu conteúdo identifica condutas diante da vacinação com condutas político-partidárias. O nível

⁶ Inferência, segundo Bardin (1977, p. 39) “é uma operação lógica, pela qual se admite uma proposição em virtude da sua ligação com outras proposições já aceites como verdadeiras”.

de partidarização da categoria responde em que medida comportamentos e atitudes relacionadas à vacinação são identificadas com posicionamentos políticos no discurso dominante dentro da categoria. A seguir apresentamos uma análise descritiva de cada categoria de postagens observada.

5. Análise

5.1. À espera da vacina: postagens que afirmam a importância da vacinação (categoria 1)

Os *tweets* que compõem a categoria 1 acionam o termo “vacina” ou “vacinação” de forma positiva ou como algo muito esperado. Muitas vezes carregam tom humorístico do tipo: “no fundo a gente só quer a vacina e a confirmação que vai ter carnaval ano que vem”. O discurso nessa categoria é levemente partidarizado, ou seja, traz pouca identificação de sentido entre a conduta diante da vacinação e uma conduta político-partidária das pessoas. A categoria teve um total de 2147 *retweets* considerando os dois dias posteriores a cada postagem, sendo a segunda categoria com mais reportagens e viralização.

A categoria é fortemente marcada pelo humor e pela ironia, como nas postagens que criticam as aglomerações em praias brasileiras durante a pandemia, por exemplo: “é em Ubatuba que estão dando a vacina?”. Neste tipo de postagem, há uma crítica àqueles que não seguem as medidas preventivas de distanciamento e é preservado o uso do termo vacina com denotações positivas, o que é um traço definidor dessa categoria de análise. Seguindo o exemplo de “é em Ubatuba que estão dando a vacina?”, pode-se identificar a ideia de que a descoberta da vacina seria, em tese, a única razão que justificaria a cena espantosa de pessoas aglomeradas numa praia. Prevalece ao efeito de sentido positivo em torno do termo “vacina” ou “vacinação”.

O verbo “quero” reafirma um tom de expectativa e a criação de uma narrativa ancorada na espera confiante no campo científico. Neste caso, as postagens estão dissociadas do efeito de sentido da fala de Jair Bolsonaro, mostrando outra área de produção de sentido mais alheia ao debate político central. Aqui, o campo científico é erigido em seu lugar de poder, como lembra Bourdieu (1989).

5.2. A “Revolta da vacina”: postagens irônicas ao movimento contrário à obrigatoriedade da vacinação (categoria 2)

A categoria “revolta da vacina” contém *tweets* que ironizam as pessoas que resistem à vacinação “em pleno 2020”. Muitas das postagens dessa categoria se dão no formato/linguagem de meme. A categoria é partidarizada, identificando posturas diante da vacina com posicionamentos político-partidários. Ela está muito próxima da categoria “Crítica ao presidente”, em termos de efeitos políticos de sentido, uma vez que grande parte das postagens ironizam aqueles cidadãos que são contrários à obrigatoriedade da vacinação contra a Covid-19 e que se alinham nesse sentido ao posicionamento declarado pelo presidente da República no dia 31 de agosto. Essa categoria teve um total de 2172 *retweets* considerando os dois dias posteriores a cada postagem e foi a categoria mais repostada e com maior alcance.

A palavra “revolta” tem ampla recorrência uma vez que a expressão “revolta da vacina” foi amplamente utilizada como forma de ironizar a postura de adeptos da não obrigatoriedade da vacinação contra a Covid-19, fazendo uma referência ao levante ocorrido no Rio de Janeiro no início do século XX contra a vacinação compulsória. A partidarização da discussão está presente em postagens como “eu apoio a revolta da vacina dos bolsominions, primeiro porque sobra vacina segundo que é menos bolsominion para conviver”. O termo cloroquina também aparece carregado de ironia e de sentido político-partidário: “Não queremos a vacina, nós temos a cloroquina. Meu pai amado o que se tornou o Brasil?” ou “se os seguidores de Bolsonaro têm a cloroquina a estircina ozônio no rabo para que desejariam a vacina?”. Comparada à categoria 3 (crítica ao presidente), com a qual se assemelha por ser portadora de um embate político contra a relativização da importância da vacina, a categoria 2 se apresenta com uma linguagem mais simples, direta, informal, humorística e imagética (uso de memes e figuras). Ao passo que a categoria 3 apresenta-se com linguagem predominantemente escrita, mais formal e calcada em argumentação lógica, além de dirigir crítica, direta ou indiretamente, à condutas e ao discurso do presidente da república, e não à conduta dos cidadãos comuns como é o caso da categoria 2.

5.3. Crítica ao discurso do presidente: postagens contrárias a Bolsonaro e à ideia de não obrigatoriedade na vacinação (categoria 3)

Inclui *tweets* que criticam direta ou indiretamente a declaração ou a conduta do presidente da república com relação à não obrigatoriedade da vacina. A categoria é altamente partidarizada, relacionando posturas político-partidária com o posicionamento de Bolsonaro com relação à vacinação. Essa categoria teve um total de 773 *retweets*, considerando os dois dias posteriores à cada postagem. É a categoria com menor alcance e viralização, trazendo postagens predominantemente textuais e argumentativas contra o discurso de Bolsonaro e a favor da obrigatoriedade da vacinação contra a Covid-19. Um exemplo de postagem nesta categoria é o tweet do Ex-candidato a presidente da república, Fernando Haddad: “*Bolsonaro congela salário mínimo reduz à metade auxílio emergencial e deflagra campanha contra vacina inexistente boa noite a todos*”.

A categoria traz alta recorrência de termos como “Bolsonaro”, “Decisão”, “presidente” e “aborto”. Este último termo teve uso expressivo em publicações que questionam: “se a decisão de tomar a vacina é de cada um porque o aborto não?” ou afirmam ironicamente que “a decisão de tomar ou não tomar vacina é de cada um diz o presidente, já a decisão de fazer aborto amar alguém do mesmo sexo fumar maconha etc é do pastor Everaldo, né?”. Dessa forma, grupos de oposição ao presidente buscam apontar incoerência no discurso do governo.

5.4. Defesa do presidente: postagens favoráveis a Bolsonaro e/ou da não obrigatoriedade da vacina (categoria 4)

A categoria “defesa do presidente” abrange *tweets* que defendem a não obrigatoriedade da vacinação, em concordância com o posicionamento do presidente da república. É uma categoria altamente partidarizada, com um discurso de forte identificação entre postura perante a vacinação e posicionamento político-partidário. Essa classe teve um total de 1151 *retweets*, considerando os dois

dias posteriores à cada postagem. Por um lado, essa é a categoria que possui o maior número de *tweets*, com mais usuários ativos na discussão. Por outro, seu alcance e viralização está entre os menores. Trata-se de uma categoria formada por apoiadores do presidente da república, ao contrário da categoria 3.

Muitos dos *posts* que constituem a categoria 4 questionam a legitimidade do Estado para exigir a vacinação obrigatória das pessoas e apontam para o que seria uma incoerência daqueles que reivindicam vacinação obrigatória: “meu corpo minhas regras vale para vacina ou só para matar bebês mesmo?” ou “a extrema imprensa diz que não há tempo hábil para comprovar a eficácia da cloroquina mas quer forçar o uso obrigatório de uma vacina a lógica deveria ser a mesma mas eles tratam o povo como patos”

Dentre os temas mais utilizados nessa categoria (figura 4), destacamos “chinesa”, “cloroquina” e “obrigado”, todos carregados de sentido político nos contextos em que são inseridos.

6. Considerações Finais

O presente artigo demonstrou como a fala do presidente Jair Bolsonaro reverberou no *Twitter* através da discussão a respeito da vacina para a COVID-19. Neste sentido, destaca-se a forte nucleação de correntes narrativas politizadas em torno da declaração dada pelo político à imprensa. Das cinco categorias verificadas como as que mais geraram discussões (*retweetes*), apenas uma defende a fala de Bolsonaro. Ela constitui-se como uma corrente de crítica, especialmente, à vacina produzida por um laboratório chinês⁷ e estrutura críticas à esquerda.

O negacionismo científico se dá de modo a fomentar uma linha de pensamento contrária ao campo constituída e própria de uma corrente que politiza o debate. O campo político passa a deter o poder sobre o assunto. É por isso que, atrelada à crítica à vacina chinesa e à defesa da não obrigatoriedade de vacinação, indicando uma resistência em se apresentar voluntariamente caso seja iniciada uma campanha, estão as fortes referências à cloroquina, como um medicamento defendido pelo presidente em seus discursos e apontado como solução, embora seja fonte de várias controvérsias no meio médico.

A crítica à fala de Bolsonaro está em duas categorias. Uma delas remonta o evento da Revolta da Vacina e constitui-se de ironias a respeito de uma onda antivacina no século XXI. A outra se dá de um modo mais crítico e direto ao Presidente e sua fala, considerada irresponsável. Por fim, há duas linhas narrativas menos politizadas: em uma delas há a expectativa pela vacinação e, na outra, reprodução de notícias e informações sobre o tema, indicando uma forte presença do campo midiático tradicional como fonte de debates, além da atuação do campo jornalístico em seu lugar de poder.

Neste pequeno recorte, portanto, verificou-se que o negacionismo dividiu espaço com a afiliação ao lugar de fala e poder de campos sociais constituídos. Estes últimos, aliás, geraram mais repercussão nas redes e foram mais numerosos. Entretanto, considerando a nucleação por meio de filtros bolha, é

⁷ Uma das vacinas em fase final de testes é a CoronaVac, produzida pelo laboratório chinês SinoVac e pesquisada, no Brasil, pelo Instituto Butantan, em parceria com o governo de São Paulo.

relevante o modo como são articulados discursos negacionistas e como eles são fortalecidos pelo apoio e propagação de líderes políticos, como foi o caso do presidente Jair Bolsonaro (sem partido).

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, A. de; Quinan, R. (2019) Crise epistemológica e teorias da conspiração: o discurso anti-ciência do canal “professor terra plana”. *Mídia e Cotidiano*, 13(3), 83-104.
- ARENDT, H. (1972) Verdade e política. In: ARENDT, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva.
- AUPERS, S. (2012) ‘Trust no one’: Modernization, paranoia and conspiracy culture. *European Journal of Communication*, 27(1), 22-34.
- BARDIN, L. (2011) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BAUDRILLARD, J. (1994) *Simulacro and Simulations*. Ann Arbor: University of Michigan Press.
- BOURDIEU, P. (1989) *O poder simbólico*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRAGA, J. L. (2012) Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, M. A.; JANOTTI JÚNIOR, J.; JACKS, N. (Org.). *Mediação & Mídiação*. Salvador: EDUFBA.
- DA EMPOLI, G. (2020). *Os engenheiros do caos*. São Paulo: Vestígio.
- FERNANDES, C. M; Montuori, C. (2020) A rede de desinformação e a saúde em risco: uma análise das fake news contidas em 'As 10 razões pelas quais você não deve vacinar seu filho'. In: *Revista Recis*, 14(2), 444-460.
- HARARI, Y. N. *Humans are a post-truth species*. 2018: Disponível em: <<https://www.theguardian.com/culture/2018/aug/05/yuval-noah-harari-extract-fake-news-sapiens-homo-deus>>. Acesso em: 8 de set. de 2020.
- HJARVARD, S. (2014) *A midiatização da cultura e da sociedade*. São Leopoldo: Ed. da UNISINOS.
- LÉVY, P. (2009) *O que é virtual*. São Paulo: Editora 34.
- MCINTYRE, L. C. (2018) *Post-truth*. Cambridge, MA: MIT Press.
- JENKINS, H. (2009) *Cultura da Convergência*. São Paulo: Aleph.
- SEVCENKO, N. (1993) *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Scipione.